

Experiência de supervisão de estágio pedagógico na formação inicial de professores em Luanda

Tomé Arlindo Sungo Sábala *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-4828-4386>

RESUMO: Este trabalho consiste na elaboração do relatório final de estágio pedagógico, que foi realizado como parte integrante e conclusiva do Mestrado em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda. O estágio foi desenvolvido no âmbito do Programa Nacional de Formação de Quadros, que ocorreu no Magistério Mutu-Ya-Kevela, entre os meses de Novembro de 2021 e Abril de 2022, cujo objetivo foi o de supervisionar de 4 a 6 estudantes estagiários da turma do 4.º ano do Curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa – Edição 2021-2022, no intuito de os levar a integrarem-se na vida profissional de forma progressiva e orientada. O trabalho até aqui desenvolvido permitiu-nos concluir que a supervisão e orientação da prática pedagógica é uma atividade necessária, visto que auxilia o futuro professor a integrar-se na prática pedagógica, tornando-se, assim, num profissional reflexivo e aberto à inovação.

PALAVRAS-CHAVE: Relatório de supervisão; Supervisão pedagógica; Formação de professores



Experience of supervising a pedagogical internship in initial teacher training in Luanda

ABSTRACT: This work consisted in the elaboration of the final report of the pedagogical internship, carried out as an integral and conclusive part of the Master in Methodology of Teaching the Portuguese Language in Secondary Education by the Instituto Superior de Ciências da Educação in Luanda. The internship was carried out within the framework of the National Staff Training Program, which took place at Magistério Mutu-Ya-Kevela, between the months of November 2021 and April 2022, whose objective was to supervise 4 to 6 trainee students from the class of the 4th year of the Degree in Portuguese Language Teaching – Edition 2021-2022, with the aim of leading them to integrate into professional life in a progressive and targeted way. The work developed so far has allowed us to conclude that the supervision and guidance of pedagogical practice is a necessary activity, as it helps future teachers to integrate pedagogical practice, thus making them a reflective professional open to innovation.

KEYWORDS: Supervision report; Pedagogical supervision; Teacher training.

* Mestre em Ciências da Educação, Opção Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, em parceria com o Instituto da Educação da Universidade do Minho, Braga-Portugal. E-mail: tomesungo@gmail.com

M'samu nkubumunu muna “nzila zi ndongusulu zi mbembo cimputu muna ndongusulu cikaka ci mwali”

BUKU CINSAMU (fyote)¹: Isalu benyaci cizili muna nsulikisu m'samu nkubumunu muna “Nzila zi ndongusulu zi mbembo cimputu muna ndongusulu cikaka ci mwali”, ibeeli kuna Magistério Mutu-Ya-Kevela – Luanda, muna zi ngoonde zi kuntuka lusongo mu nvu 2021 ay Ndoolo Nkazi mu 2022, muna vungu ci Ndyasulu Nsi muna Ndongusulu Ibangu Iyela. Iswisi ci m'cinza ci nkubumunu benyai ci sunguemene muna ono wilongukwa ku kenguilila bana m'longoso ba ná (4) voti baba sambwanu (6) muna Nkonga nvú usiinu mu ulongukwa ku ndongusulu ntonunu imi m'longusu, muna mayindu bana m'longoso ba kota muna ziingu ci isalu muna mpila ndyatusulu ay ndonzukulu. Isalu benyaci civangimisi ate avava, civangizi befu zaaba ti nkengululu ai nsulikisu m'samu nkubumunu muna isangala ci ndongusulu isafu ci fwenengene, muna tala ti isazi ci yunduka ay uwala malyela, unsalisanga unkaka, muna nkengululu, ununga, ukala buna, isazi ci lebakana ay ci kubana muna bimoona.

BIKUMU BI THALU: Isavu ci ndongusulu; Longukwa ku mbadukulu kumi m'longuisi.

Introdução

O presente relatório de “Experiência de supervisão de estágio pedagógico na formação inicial de professores em Luanda” insere-se no âmbito do estágio profissional, que foi realizado como parte integrante e conclusiva do Mestrado em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário (MELP-ES) pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda). O estágio tem como objetivo supervisionar de 4 a 6 estudantes estagiários de uma turma do 4.º ano do Curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa – Edição 2021-2022.

A realização do referido estágio pedagógico enquadrou-se no Curso de Metodologia de Ensino de Línguas², criado no ISCED-Luanda, em parceria com o Instituto da Educação da Universidade do Minho (IE. UMinho – Braga-Portugal), o qual confere o grau acadêmico de Mestre, na especialização de Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário.

Assim, para concluirmos o ciclo de formação, fomos selecionados para supervisionar estudantes finalistas de formação inicial de professores do ISCED-Luanda destacados para realizar o seu estágio pedagógico na Escola de Magistério Mutu-Ya-Kevela, em Luanda, visto que a supervisão é vista como “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” Alarcão e Tavares (2003, p. 16).

¹ Tradução de Paulo Macosso.

² Cf. Decreto Executivo n.º 98/20, de 3 de Março 2020.

Neste sentido, o conceito da supervisão da prática pedagógica (SPP) possui, nas palavras de Gaspar (2019, p. 21), “uma base epistemológica, sustentada na orientação de práticas profissionais, o que pressupõe observação, exige acompanhamento, podendo mesmo enquadrar a avaliação”. Estas orientações têm como objetivo único promover o desenvolvimento profissional do professor em formação inicial, pois, com ela, tal como refere Mesquita (2004, p. 102) “deve ser só o começo de um processo formativo que se prolonga ao longo de toda a vida profissional...”.

É importante referir que a formação inicial constitui a fase em que o futuro professor adquire saberes, competências e capacidades para iniciar o exercício qualificativo da profissão docente e que, por sua vez, é “considerado um dos conhecimentos fundamentais para o sucesso da actuação” (Gaspar, 2019, p. 67). Por esta razão, ela reveste-se de fundamental importância na medida que se expõe o candidato num ambiente real de ensino, onde possa vivenciar as mais variadas experiências referentes ao processo de ensino-aprendizagem que poderão ser úteis na sua futura profissão enquanto professor, dado que “a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão crítica sobre a sua utilização” (Nóvoa, 1992 citado por Dias, 2012, p. 3).

Portanto, torna-se, igualmente, necessário, destacar a importância da prática da supervisão, porque, por um lado, constitui parte do cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em MELP-ES e, por outro, por ser um “instrumento que pressupõe uma abordagem de formação em que o professor é o principal ator que vai agindo sobre a sua própria transformação e vai deixando traços na memória escrita, narrada, comentada, documentada” (Alarcão & Tavares, 2003) ao longo de toda a sua experiência.

1.Caracterização do local de supervisão

A Escola Magistério Mutu-Ya-Kevela é vocacionada na formação de professores para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Primário e o 1.º Ciclo do Ensino Secundário. Ela está situada no município de Luanda, província de Luanda, com cerca de 31 salas de aulas, que perfazem um total de 62 turmas³. A Instituição conta com 2 pisos e uma cave para a área técnica. O primeiro é destinado para a área administrativa e laboratórios bem como algumas salas de aulas; o segundo, para albergar, também, as aulas e outros serviços adicionais.

³ Cf. Decreto Executivo conjunto n.º 03/19, de 23 de Janeiro.

Figura 1 e 2: Escola Magistério Mutu-Ya-Kevela, Luanda.



Fonte: Elaboração própria

As escolas de Magistério podem realizar cursos de Agregação Pedagógica (AP) para candidatos que tenham terminado o 2.º Ciclo do Ensino Secundário, ao abrigo do n.º 2 do artigo 47.º da Lei n.º 17/16, de 7 de Outubro, alterada pela Lei n.º 32/20, de 12 de Agosto. Neste âmbito, foi criado o Curso Secundário de AP em Ensino de Língua Portuguesa no I CES, na Escola de Magistério Mutu-Ya-Kevela, cujo perfil de saída dos alunos está previsto no Decreto Presidencial n.º 273/20, de 21 de Outubro.

2. Caracterização da turma de Língua Portuguesa

Após o primeiro contacto com os professores que nos acompanharam, o do ISCED-Luanda, designado por orientador e/ou tutor, e a da escola de acolhimento, designada por professora cooperante ou de acolhimento, ficou decidido que as nossas sessões de supervisão pedagógica iam ocorrer às quartas-feiras, entre às 14h40 e 16h25, isto é, dois tempos letivos, divididos por um tempo de 45 minutos, na sala n.º 26, da 10ª classe, turma B, do curso de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica (LP-EMC). A turma foi constituída por 37 alunos, distribuídos por 17 alunos (45,94%) do gênero masculino e 20 alunas (54,05%) do gênero feminino, de entre os quais, 11 (29,72%) eram repetentes.

As idades variavam entre os 15 e 25 anos, sendo que 19 anos era a média de idade dos alunos. Outro dado curioso prende-se ao fato de a professora da escola de acolhimento ter sido, por sinal, aquela que intervinha diretamente na resolução dos problemas pessoais e escolares dos alunos visados, ou seja, a diretora de turma. O horário abaixo apresenta, detalhadamente, o tempo, a hora e o dia de semana que realizamos a supervisão das aulas de LP administradas pelos estagiários.

Quadro 1: Horário escolar⁴

Tempos	Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
3º	14h40 - 15h25			Português		
4º	15h40 - 16h25			Português		

Fonte: Elaboração própria.

3.Previsão do plano de ação

Para o EP, pretendia-se que o mestrando orientasse atividades de apoio ao professor tutor, à professora da escola de acolhimento, bem como os estagiários nos seguintes níveis de atuação abaixo discriminados⁵:

- Analisar documentos relevantes para a supervisão do estágio: Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, Regime Jurídico da Formação Inicial de Educadores de Infância, de Professores do Ensino Primário e de Professores do Ensino Secundário; perfil profissional, orientações curriculares, programas e manuais da área para a qual o curso de formação inicial habilita; regulamento de estágio do curso de formação inicial; documentos relativos a projectos educativos e à organização do ensino nas escolas de aplicação;
- Reunir quinzenalmente com os estagiários para partilha de experiências e apoio, envolvendo, sempre que possível, os professores tutores; o apoio incide na actividade de leccionação dos estagiários e na elaboração de um portefólio das planificações e materiais por eles desenvolvidos;
- Observar 6 tempos lectivos por estagiário (3 tempos por semestre), precedidos da discussão da respectiva planificação e seguidas da reflexão sobre as práticas observadas, envolvendo os professores tutores;
- Participar nas reuniões, sessões de supervisão e seminários temáticos dinamizados pelo supervisor;

⁴ Apesar de o horário apresentar a carga horária de 4 tempos por semana, torna-se, essencialmente, necessário, informar que os estagiários leccionaram aulas, apenas, às quartas-feiras, conforme aparece no quadro do horário escolar.

⁵ Cf. Quadro 4. Supervisão de estágio e apoio aos professores tutores: actividades dos intervenientes sobre as Orientações para o Estágio Profissional.

- Reflectir sobre as práticas de supervisão desenvolvidas com a colaboração dos professores tutores e do orientador de estágio da instituição de acolhimento, revendo estratégias de supervisão se for necessário;
- Colaborar com o orientador de estágio na avaliação formativa e somativa da prática docente dos estagiários no final de cada semestre, envolvendo os professores tutores;
- Elaborar, com a colaboração do professor tutor e do orientador de estágio, uma apreciação escrita final sobre a evolução e o nível de desempenho atingido pelo estagiário;
- Dinamizar, preferencialmente com outros mestrandos, e com o apoio do supervisor e do orientador de estágio, dois seminários de formação destinados aos professores tutores, um em cada semestre, sobre temas relacionados com a metodologia de ensino e a supervisão pedagógica;
- Partilhar com os professores tutores materiais (textos e outros documentos) sobre temas de metodologia de ensino e/ou supervisão pedagógica, no sentido de apoiar a sua auto-formação nestas áreas;
- Elaborar o portefólio da prática e o relatório reflexivo (dimensão da supervisão de estágio e apoio aos professores tutores).



4. Caracterização do perfil dos estagiários

Antes de começarmos a descrever o coletivo dos estagiários⁶ com o qual trabalhamos, é importante referir que fomos bem recebidos pela professora da escola de acolhimento e, inclusive, mostrou-se disponível em trocar experiências de lecionação e de supervisão pedagógica durante a nossa estada na instituição. Depois do breve contacto com a professora, finalmente fomos apresentados aos estagiários. Fruto desse contacto, apercebemo-nos de que o estagiário A era o único que não possuía alguma experiência na docência, salvo àquelas realizadas na véspera do 3.º ano curricular no âmbito das Práticas Pedagógicas I.

Deste modo, o encontro levou-nos a pensar na possibilidade de dedicarmos maior atenção nele, sem, no entanto, transparecer a ideia de favoritismo em relação aos demais estagiários. Apesar de admitirmos ter sido vantajoso os anos de experiência adquiridos pelos demais estagiários, notamos, ainda assim, certa resistência no sentido de abandonarem aquelas práticas que consideramos como rotineiras e que não contribuam

⁶ Preferimos codificar o nome dos estagiários para manter a sua identidade conservada.

para o melhor funcionamento das atividades letivas. Estes anos de experiência com o ensino da LP contribuíram, de fato, para a partilha de experiências de lecionação entre eles ao ponto de possibilitar a rápida integração do estagiário A às aulas.

No cômputo geral, os estagiários tinham idades compreendidas entre os 25 e 35 anos de idade, com sentido de responsabilidade apurado, dedicação e ajuda mútua. As conversas mantidas com os mesmos permitiram elaborar o calendário das aulas a observar, no qual evidenciamos a distribuição equitativa das aulas por estagiário. No referido calendário, estão, igualmente, contempladas as datas e o tempo de atuação dos estagiários, de acordo com a disponibilidade de cada um. Por isso, o quadro a seguir descreve, sinteticamente, o calendário das aulas a observar na Escola Mutu-Ya-Kevela, no ano letivo 2021-2022⁷.

Quadro 2: Calendário das aulas a observar⁸

Estagiários	Tempo/Data		Tempo/Data		Tempo/Data		Tempo/Data		Total
	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	1.º	2.º	
A	5/01	19/01		02/02	09/03	23/02	06/04		6
B	12/01	26/01		09/02	23/03	09/03		06/04	6
C	26/01	12/01	16/02	09/02	16/03	30/03			6
D	19/01	05/01	02/02	16/02	30/03	16/03			6
Total de aulas a observar									24

Fonte: Elaboração própria.

5. Relatos diários de observação de aulas

São efetuadas, neste tópico, descrições das práticas de observação de aulas realizadas antes, durante e depois das aulas propriamente ditas. Os registros sobre o objeto da aula observada foram feitos com recurso a uma grelha de observação global que se pretendia, conforme defendem Flávia e Maria (2011, p. 33), “objetivar o enfoque e criar uma base de reflexão para os professores, para além de instigar a explicitação das

⁷ Elaboração baseada no Decreto Executivo n.º 171/21, de 6 de Julho, que aprova o Calendário do Ano Académico 2021-2022 a vigorar no Subsistema do Ensino Geral.

⁸ As datas destacadas com realce “amarelo” são as que obedeceram a planificação das aulas. As demais não foram cumpridas por causa das dificuldades próprias do contexto educativo angolano.

suas teorias pessoais acerca do ensino e da aprendizagem”. Eis o relato diário das aulas observadas.

5.1.Quarta-feira, 02 de Fevereiro de 2022

Este foi o nosso primeiro dia de observação de aulas. De acordo com o calendário das aulas observadas, estava previsto que os estagiários D e A, distribuídos por um tempo de 45 minutos para cada um, no período que vai das 14h40 às 16h25 minutos, lecionassem a aula intitulada **“Elementos fundamentais da oração”**. Devido a uma situação inesperada, o estagiário A teve de se ausentar por conta das obrigações de trabalho, sendo substituído, por isso, pelo estagiário C

De acordo com Alarcão e Tavares (2003, p. 80), a SPP “é uma acção multifacetada, faseada, continuada e cíclica” que deve obedecer as fases de pré-observação, observação e pós-observação. Lamentavelmente, assumimos aqui que, devido à falta de disponibilidade por parte dos estagiários acima referidos, não foi possível realizar-se a pré-observação da presente aula nos dias anteriores à leccionação. Por causa disto, e para minimizar as dificuldades que esse incumprimento pudesse causar, trocamos (mestrando e estagiários) algumas impressões justamente no dia previsto para a leccionação, poucos minutos antes do começo da atividade letiva. Neste breve encontro, propusemos apenas que separassem os elementos fundamentais dos acessórios e dos complementares da oração, visto que o plano de aula não trazia essa distinção.

Entretanto, começou-se a aula com o estagiário D, no primeiro plano, que iniciou às 14h40 e terminou às 15h25 minutos. Ao começar a sua aula, o estagiário revelou-se bastante tranquilo, com domínio da turma e conhecedor dos conteúdos explícitos dos elementos fundamentais da oração. Apesar dessa tranquilidade, notamos, ainda assim, alguma imprecisão quando demonstrou alguma hesitação em poder responder às dúvidas colocadas pelos alunos o que fez com que, em vários momentos, não soubesse aproveitar a dificuldade de um aluno para esclarecer os outros, limitando-se, por si só, ao aluno que apresentou a dúvida. Ainda durante a sua atuação, constatamos que não associou o ensino explícito da língua ao texto, violando, por sua vez, o que Buca (2018, p. 107) propõe quando afirma que “todas as atividades a desenvolver nas aulas de Português devem, em quaisquer circunstâncias de ensino da língua, basear-se no texto”. Ora, estas constatações foram apresentadas e discutidas na fase da pós-observação entre os estagiários, o mestrando e a professora da escola de acolhimento. O nosso objetivo único com esta prática era o de ajudá-los a refletir, a interpretar, a ver a realidade

(Alarcão & Tavares, 2003) por detrás das suas práticas, apesar de admitirmos não ser fácil deixar transparecer essa visão de superVisão⁹ colaborativa.

Relativamente à atuação do estagiário C que, por sua vez, começou após os 15 minutos de intervalo, dando continuidade à aula iniciada pelo estagiário D. Constatamos a necessidade de o estagiário retomar a questão do sujeito por achar não ter sido bem explorada pelo seu colega e só a partir daí prosseguiu. Apesar da sua aula, em nossa opinião, ter corrido melhor comparativamente a do estagiário D, houve, igualmente, situações embaraçosas que tiveram a ver com a falta de atenção individualizada dos alunos, bem como a falta de estratégias dinâmicas que pudessem permitir a realização de trabalhos grupais, levando, assim, com que os alunos desenvolvessem aprendizagens significativas por si mesmos.

Após a fase de *feedback* com os estagiários, isto é, na pós-observação, concluímos que a pré-observação desempenha um papel muito importante, porque, permite, por um lado, o esclarecimento de determinados conceitos operatórios que não estivessem em consonância entre os estagiários e, a partir daí, ter-se-ia uma só palavra entre os envolventes e, por outro, criar-se-ia condições a fim de os mesmos sentirem-se mais à vontade e bem mais preparados, quer científica, quer pedagogicamente, para enfrentar a sala de aula em contexto real de ensino. De salientar, ainda, que ambas aulas foram acompanhadas pela professora da escola de acolhimento, que solicitou a realização de uma auto-avaliação do trabalho desenvolvido pelos estagiários com objetivo de levá-los a “refletir sobre o seu “eu” de professor e sobre o que se passou na sua intervenção com os alunos para alterar” (Alarcão & Tavares, 2003) nas sessões seguintes.

5.2. Quarta-feira, 09 de Fevereiro de 2022

Como havia sido agendado com a professora da escola de acolhimento e com os estagiários, e tendo em conta que a aula sobre os “**Elementos complementares da oração**” não tinha terminado no dia previsto, selecionamos o estagiário A para dar sequência da aula, sendo que este não tinha lecionado no dia indicado por causa da situação inesperada que ocorreu no dia 02 de Fevereiro. Uma vez posto na sala de aula, o estagiário começou por saudar os alunos e escreveu no centro do quadro o sumário

⁹ *SuperVisão*, um termo que denota uma visão comum sobre o que o ensino e a aprendizagem podem e devem ser desenvolvida colaborativamente por supervisores formalmente designados, professores e outros membros da comunidade escolar (Glickman & Ross-Gordon, 2004, p. 8, traduzido).

planificado. Quando tudo parecia correr bem, de imediato, os imprevistos começaram a surgir.

De repente, um dos alunos questionou ao estagiário sobre o que eram elementos complementares da oração. Ora, a resposta apresentada pelo estagiário criou um clima de instabilidade na turma, porque o aluno e o estagiário tinham respostas díspares, levando com que a professora da escola de acolhimento interviesse, pedindo, pedagogicamente, que o estagiário fosse à sala dos professores recuperar fôlego. Acreditamos que este episódio se deu, por um lado, porque o estagiário não possuía experiência na leção e, por outro, e mais aceitável ainda, achamos nós, pelo fato de o estagiário não ter realizado a pré-observação com o mestrando. Dada a esta situação, a professora da escola de acolhimento deu sequência da aula, sob pena de estrangular a planificação anteriormente concebida.

5.3. Quarta-feira, 16 de Fevereiro de 2022

Após o episódio que se observou no dia 09 de Fevereiro, chegamos à conclusão de que o estagiário A deveria lecionar a aula seguinte, sob pena de ficar sem sequer alguma aula observada. Assim, este dia foi marcado pela aula intitulada “**Elementos circunstanciais da oração: modo, lugar, causa e tempo**”, tendo como base o texto de Orlando Saldanha, “*Despertar na Sanzala*”. Desta vez, marcamos um encontro de pré-observação e, para facilitar o encontro, o mestrando deslocou para o local combinado e desenvolveu juntamente com o estagiário a sequência didática. Numa primeira fase, isto é, na pré-observação, verificamos o plano de aula e, de seguida, esclarecemos as questões da definição da expressão “elementos complementares da oração” e, depois, exploramos os elementos complementares da oração contidos no texto e fizemos a sua devida classificação.

No dia seguinte, na aula propriamente dita, o estagiário começou por saudar os alunos e solicitou que efectuassem leitura silenciosa do texto que, depois, se seguia de uma leitura expressiva por parte do estagiário. Após esta fase, o estagiário explicou que os elementos circunstanciais da oração serviam para completar o sentido do verbo. Uma vez que a aula foi planificada para identificar e classificar, apenas, os complementos circunstanciais de modo, lugar, causa e tempo, orientou a leitura em voz alta e, na medida em que os alunos foram avançando, efectuou, com ajuda deles, a identificação e a classificação dos respectivos elementos. Por exemplo, identificou a expressão “Sanzala” e

“Rio Kwanza” como sendo complementos circunstanciais de lugar e “manhã” como complemento circunstancial de tempo, entre outros.

A aula terminou com a orientação da tarefa para casa, tendo solicitado que os estudantes escrevessem frases livres com os complementos circunstanciais, no sentido de “reforçar a sua autonomia e a auto-regulação da aprendizagem” Brandão, Monteiro, e Costa (2014, p. 54) adquirida nesse dia. Não houve muita intervenção na fase de pós-observação porque achamos, unanimemente, que o estagiário conseguiu atingir os objetivos preconizados.

5.4.Quarta-feira, 09 de Março de 2022

No presente dia, observamos a aula intitulada “**Leitura e interpretação do texto**”. Foi selecionado para o efeito o texto de Orlando Saldanha, “*Despertar na Sanzala*”. A aula foi administrada pelo estagiário B, no período compreendido entre 14h40 e 16h25 minutos, dois tempos letivos, na sala n.º 26, da turma B. O estagiário, após ter distribuído o texto à turma, começou por pedir aos alunos que o lessem silenciosamente. A seguir, começou a aula com um breve diálogo e pediu-lhes que apresentassem os seus pontos de vista acerca da expressão “Sanzala”. Solicitou, igualmente, a partir daí, que alguns deles relatassem as suas experiências de vida na Sanzala. Infelizmente, alguns dos alunos não tiveram o que dizer, uma vez que nunca tinham passado por tal experiência.

De seguida, solicitou que lessem o texto parágrafo a parágrafo, tendo pedido maior atenção, visto que advinham daí algumas perguntas de interpretação do texto. Logo depois, o estagiário leu o texto à turma e fez as questões dirigidas de forma a realizar a sua interpretação, prosseguindo, depois, com as perguntas de funcionamento da língua. Terminada essa fase, orientou a tarefa para casa, que teve a ver com as perguntas de interpretação contidas no bloco gramatical.

Fazendo uma análise crítico-reflexiva da aula observada no período da pós-observação, julgamos que o estagiário não explorou convenientemente as atividades de pré-leitura, leitura propriamente dita e pós-leitura, pois, conforme se sabe, quanto maiores forem as informações previsíveis estiverem no texto, melhor será a compreensão. Poderia, a título de exemplo, dividir a turma em pequenos grupos e pô-los a refletir sobre a Sanzala e, posteriormente, eleger um porta-voz de cada grupo a fim de apresentar as conclusões a que o grupo chegou, pois, atualmente, incentiva-se bastante a ideia do trabalho colaborativo. Outro elemento que nos chamou atenção teve a ver com a fase da leitura propriamente dita, porque as perguntas feitas pelo estagiário apresentavam um

único domínio – o da interpretação, deixando de parte os domínios da compreensão e da produção que muito contribuiriam para a construção de sentidos. Por fim, a fase da pós-leitura foi marcada por tarefas que não evidenciavam a extensão do conhecimento adquirido no texto *“Despertar na Sanzala”* ou do seu autor, Orlando Saldanha.

5.5. Quarta-feira, 16 de Março de 2022

Este dia teve início com uma aula de **“Dupla realização da língua – código oral e escrito”**, dinamizado pelo estagiário C, no período compreendido entre 14h40 e 16h25 minutos. O estagiário começou por saudar os alunos e perguntou-lhes, a seguir, se é que estavam em bom estado de saúde. Dando sequência, criou um espaço de debate entre dois grupos de alunos com suposto contexto comunicativo distintos, a fim de diferenciar as suas produções comunicativas e explicar que a língua possui dupla realização – oral e escrita.

Posteriormente, no plano científico, o estagiário revelou-se dominar os conhecimentos explícitos, tendo usado uma linguagem científica adequada ao contexto de enunciação. Foi, igualmente, feliz, quando relacionou o conhecimento científico com as situações do dia-a-dia dos estudantes. No que diz respeito à metodologia usada, o estagiário ministrou a aula com base em diversos materiais tradicionais como quadro, giz e manual. Criou grupos de trabalho, sem, no entanto, proceder ao recurso às novas tecnologias ou perspectivas mais atuais de ensino da produção oral e escrita, baseada em gêneros, por exemplo. Ainda no plano metodológico, constatamos que explorou pouco a presença massiva dos alunos na dinamização de atividades que propiciassem aprendizagem significativa da dupla realização da língua. Por isso, em termos de sugestão, propusemos que elaborasse um quadro onde poderia evidenciar as marcas do código oral e escrito e, a partir daí, apresentar as diferenças de um código e do outro. Finalmente, para trabalhos de extensão, orientou que os alunos recorressem a excertos de textos orais e escritos e retirassem as marcas discursivas contidas em cada produção.

Em gesto de análise crítico-reflexiva, pareceu-nos que o estagiário terá privilegiado mais a produção oral, sendo que as atividades que criou (na pré-leitura) só tinha esse pendor e também por ter relegado a escrita para um segundo plano. Apesar desta situação, admitimos, de uma maneira geral, que a aula correu dentro dos parâmetros normais.

Considerações finais

No âmbito do trabalho até aqui realizado no Magistério Mutu-Ya-Kevela, podemos assegurar que estava voltado, de maneira geral, para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem dos mestrandos e, fundamentalmente, dos estagiários. Embora se tenha observado o começo tardio do EP em relação à Abertura Oficial do Ano Lectivo 2021-2022 por causa das exigências impostas pelo vírus SARS-COV-2 no intuito de se evitar a sua propagação, bem como o fato de considerarmos todas as dificuldades próprias do contexto educativo angolano, podemos dizer que o EP ocorreu dentro do período previsto.

O fato de o planejamento global da pré-observação não ter sido cumprido na íntegra, trouxe consigo implicações didáticas que se repercutiram na atuação dos estagiários na sala de aula. A SPP é uma atividade que contribui em larga escala para a formação inicial de professores, porque permite uma evolução profissional na sua prestação, uma vez que as situações vividas em ambiente real de ensino enquanto se é supervisor ou estagiário são muito importantes para a maturação do processo de ensino-aprendizagem.

Particularmente, podemos afirmar, inclusive, que as experiências vividas ao longo deste período foram únicas e que não se aprendem nos livros: é preciso vivenciá-las. Portanto, esta atividade permitiu-nos dispor de uma ferramenta indispensável na mediação da nossa prática: a reflexão.

Concluída a realização deste ciclo de formação, chegamos à conclusão de que todo o nosso desenvolvimento profissional da nossa atuação enquanto supervisor estava voltado para o trio “investigação” que se vislumbrava na “ação” e que, depois, era ponderada pela “reflexão” do trabalho feito. E isso contribuiu, grandemente, para que procurássemos sempre pelas melhores estratégias de lecionação e posicionamentos pedagogicamente aceites para orientar os estagiários na resolução de determinados conflitos.

Referências

- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). **Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem.** Coimbra: Almedina.
- Brandão, A., Monteiro, E., & Costa, F. (2014). TPC: da tortura para crianças ao tempo para criar. In: Vieira, F. **Re-conhecendo e transformando a pedagogia: histórias de superVisão.** SantoTirso: De Facto Editores, p. 51-88.

Buca, J. (2018). **Gramática no texto: interação texto-gramática nas aulas de português em contexto multilingue**. Covilhã: Editora Templários.

Dias, A. (2012). **Relatório de estágio profissional** (relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico). Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Flávia, V., & Maria, M. (2011). **Supervisão e avaliação do desempenho do docente - para uma abordagem de orientação transformadora**. Lisboa: Ministério da Educação - Conselho Científico para Avaliação de Professores.

Gaspar, M. (2019). **Supervisão em contextos de educação e formação. Concepções, práticas e possibilidades**. Gaia: Fundação Manuel Leão.

Mesquita, M. (2004). **A renovação na formação de professores em necessidades educativas especiais**. Castelo Branco: Educare/ Educere 16, 95-114.

República de Angola. (2019). **Decreto executivo conjunto n.º 03/19, de 23 de Janeiro**. Luanda: Assembleia Nacional.

República de Angola. (2020). **Decreto executivo n.º 98/20, de 3 de Março**. Luanda: Assembleia Nacional.

República de Angola. (2020). **Decreto presidencial n.º 273/20, de 21 de Outubro**. Luanda: Assembleia Nacional.

República de Angola. (2021). **Decreto executivo n.º 171/21, de 6 de Julho**. Luanda: Assembleia Nacional.

Recebido em: 20/01/2023

Aceito em: 01/05/2023

Para citar este texto (ABNT): SÁBALA, Tomé Arlindo Sungo. Experiência de supervisão de estágio pedagógico na formação inicial de professores em Luanda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.108-121, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Sábala, Tomé Arlindo Sungo. (mai.2023). Experiência de supervisão de estágio pedagógico na formação inicial de professores em Luanda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 108-121.